

INFLUÊNCIAS DA PRECARIZAÇÃO NA QUALIDADE JORNALÍSTICA: Construção de uma matriz de indicadores

Janara Nicoletti
Jacques Mick

Resumo: Este artigo propõe uma matriz de indicadores para analisar a relação entre a precarização das condições de trabalho dos jornalistas e seus reflexos na qualidade da informação veiculada para a sociedade. A construção das categorias de análise e indicadores baseia-se na bibliografia internacional sobre precarização, condições de trabalho dos jornalistas, qualidade jornalística e qualidade do trabalho (job quality). Ela foi desenvolvida como parte dos instrumentos de pesquisa da tese em desenvolvimento intitulada “Condições de trabalho dos jornalistas brasileiros: impactos sobre a qualidade da informação”.

Palavras-chave: Qualidade jornalística; precarização social do trabalho; processos e rotinas produtivas; sociologia do jornalismo.

1. Introdução

É provável que a sistemática precarização das condições de trabalho na mídia brasileira, derivada das transformações estruturais no setor combinadas ao aprofundamento da crise econômica iniciada em 2014, tenha afetado a qualidade da informação jornalística. A ausência de indicadores sistemáticos que permitam associar diretamente, em conexão causal, precarização e deterioração da qualidade no jornalismo afeta, contudo, a qualidade e a profundidade das discussões a respeito do tema. Nosso objetivo com este texto é oferecer uma matriz de indicadores que permita a aferição da relação entre precarização e qualidade do trabalho, dando conta de variadas dimensões que circunscrevem e afetam o trabalho dos jornalistas.

O labor jornalístico, do ponto de vista da produção, se situa entre os polos material e imaterial. O primeiro diz respeito à informação moldada para ser consumida pelo público no produto jornalístico - o jornal, a revista, o programa de televisão, rádio, o conteúdo online. Já o trabalho imaterial é caracterizado pelo “capital humano, intelectual ou social” (LAZZARATO, NEGRI, 2013, p. 13), quando vida e trabalho se entrelaçam; é baseado na subjetividade e no conhecimento de cada sujeito que integra

o processo de produção da informação jornalística. Pode-se aqui se fazer um paralelo do jornalista com o artesão descrito por Sennett (2009): assim como o trabalhador manual, o resultado de cada peça jornalística se deve a uma série de saberes e habilidades adquiridos ao longo do tempo, a partir das trocas com os pares, do talento individual e do saber acumulado ao longo de anos da prática. O autor observa que a industrialização e a sociedade flexível marcada pela flexibilização de rotinas, processos, mercados de trabalho, de capitais e do entrelaçamento do tempo de trabalho e tempo de descanso trouxeram um declínio do ofício intelectual, qualificado, como ele descreve o artífice, para dar espaço ao operário “colocador de alfinetes” (SENNETT, 2015, p. 44-45). A metáfora remete ao início do fordismo, mas se aplica de forma bastante clara ao jornalismo ocidental contemporâneo: no lugar da qualificação e do conhecimento acumulado, busca-se trabalhadores capazes, especialistas nas novas tecnologias e em produzir no compasso de máquinas de alta velocidade, com “operações em miniatura que exigiam pouco pensamento ou julgamento” (SENNETT, 2015, p. 44-45).

A moldagem da peça final jornalística (notícia, reportagem, infográfico etc) obedece a padrões focados ao mercado consumidor, frequentemente em detrimento de princípios deontológicos e éticos voltados para o papel social do jornalismo. Eis uma segunda dualidade da profissão jornalística, segundo Benedetti (2009): a natureza social executada por indústrias privadas, nas quais o interesse público é suplantado pela lógica do lucro. Tal conflito foi intensificado nas últimas décadas pelas mídias digitais, conforme Garcia (2009, p. 44) “O jornalismo só pode firmar-se no actual quadro incerto da sociedade empresarial e tecnológica se conseguir assegurar os valores que estão subjacentes ao laço implícito que mantém com a sociedade, seja qual for a plataforma técnica em que se situe ou venha a situar”. Ainda em 2002, Moretzsohn ressaltava:

Faz sentido, portanto, a considerável mudança de orientação no trabalho jornalístico: “servir ao público” passa a ser uma atividade pautada por máximas de supermercado segundo os quais é preciso “servir bem para servir sempre”, pois “o cliente tem sempre razão”. Como mercadoria, a notícia deve ser oferecida de acordo com o gosto do freguês. E, evidentemente, a qualidade do produto passa a ser medida exclusivamente por esse padrão mercadológico: um jornal é bom simplesmente porque vende ou tem audiência (MORETZSOHN, 2002, p. 171).

Esta “lógica de supermercado” colocou em xeque a credibilidade e também o negócio do jornalismo. As tecnologias de informação e comunicação (TICs) produziram uma intensa e profunda transformação no consumo da informação, conversação em rede e na publicidade (ANDERSON; SHIRKY; BELL, 2013) desestabilizando as estruturas da imprensa hegemônica e do próprio papel do jornalista na sociedade. Para Mick e Tavares (2017, p. 132), os efeitos afetam “comportamento de leitores e anunciantes” provocam “erosão da credibilidade das mídias, precarização do trabalho jornalístico com visível deterioração da qualidade da informação, tudo isso produzindo inúmeros efeitos sociopolíticos”.

Dentro deste contexto, propomos neste artigo uma matriz de indicadores para analisar a conexão entre as condições de trabalho dos jornalistas e a qualidade da informação jornalística. Ela foi desenvolvida dentro da pesquisa de doutoramento “Condições de trabalho dos jornalistas brasileiros: impactos sobre a qualidade da informação”, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. A matriz foi formatada a partir de indicadores e categorias presentes na bibliografia internacional sobre **precarização do trabalho** (STANDING, 2014; DRUCK, 2011; ANTUNES, 2015; ALVES, 2013; HARVEY, 1992; MÉSZÁROS, 2011; DUBET, 2014; SENNET, 2015) **condições de trabalho dos jornalistas** (ÖRNEBRIG, 2018; 2016; ACCARDO, 1995; WEAVER; WILLNAT, 2012, 2014; SCHUDSON, 1981; THURMAN; MALIK; SCHOLL, 2012; GARCIA, 2009; MIRANDA, 2017; MELLADO et al, 2017; HANITZSCH; HANUSCH, 2017; MICK; LIMA, 2013; FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013; HELOANI, 2003; ADGHIRNI, 2017), **qualidade do trabalho (job quality)** (EUROFOUND, 2012; 2014; CLARK, 2015) e **qualidade jornalística** (ANDERSON, 2014; LACY; ROSENSTIEL, 2015; PICARD, 1998, 2000; CERQUEIRA, 2010; ROTHBERG, 2010; COELHO; MARTÍN, 2004; MARINHO, 2011).

O artigo se desenvolve em outras três seções, anteriores às considerações finais. Nas duas próximas seções, discutimos o conceito de precarização aplicado ao trabalho jornalístico e, em seguida, sua relação com a qualidade do jornalismo. Na seção posterior, reportamos o processo de construção da matriz de indicadores e apresentamos cada um de seus itens.

2. Precarização do trabalho jornalístico

Na última década, cortes e demissões se tornaram parte da rotina dos profissionais da imprensa que passaram a sofrer maior pressão sobre seu desempenho e resultados (DEUZE, 2014). Em vários países, eles são mal pagos e sobrecarregados (OIT, 2016). de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), o setor de mídia possui uma longa tradição de trabalho atípico, autônomo e contratos pouco claros ou informais. Ainda em 2006, a entidade declarou o crescimento do trabalho atípico em jornalismo em 38 países, ressaltando o trabalho freelancer, o empreendedorismo como estratégias de precarização da atividade.

De acordo com Örnebring (2018), precarização é “o novo normal” no jornalismo, uma vez que ela está introduzida nas estratégias organizacionais e na cultura profissional, como valores e o dever-ser do jornalista. O autor defende que esta é uma condição vista como natural, uma vez que normas e regras permitem fazer com que o jornalista aceite como algo inviolável a precariedade, especialmente entre os iniciantes na carreira. Esta é uma condição que atravessa fronteiras e estágios de carreira, mas é mais forte entre os jovens profissionais.

Accardo (1995) considera que o trabalho jornalístico convive com uma condição constante de precarização, a qual é observada por uma forma de auto-exploração, pela redução do poder de compra, da qualidade de vida, do adoecimento mental e físico e redução do poder de compra, com aumento do endividamento. Para Neveu (2010), “o maior estresse, no entanto, vem de sentir-se treinado de maneira insuficiente para trabalhar devidamente em mídias diferentes, da ansiedade de ser um malabarista que tem que produzir para o website, a imprensa, o rádio e a televisão (NEVEU, 2010, pp. 38-39).

No Brasil, os efeitos deste cenário foram apresentados em diferentes estudos, porém, o Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK; LIMA, 2013) é o único que mostra um panorama demográfico da categoria. Ele indicou sinais de precarização do mercado caracterizado por baixos salários, emprego freelancer, pejetização, acúmulo de funções, carga horária extensa (média de 12 horas por dia), trabalho combinado em empresas de mídia e fora dela, como relações públicas e marketing. Mais recentemente, Moreira (2017, p. 4) percebeu “uma forte deterioração nas condições de trabalho na profissão”.

Segundo a autora, 76,1% dos jornalistas brasileiros entrevistados indicaram um aumento da média de horas trabalhadas e 57% deles afirmaram que a credibilidade no jornalismo diminuiu.

Entende-se ainda que há um movimento de desemprego estrutural do jornalismo brasileiro, considerando o crescente aumento das demissões desde 2012, em empresas de mídia e fora dela (THIBES, NICOLETTI, 2017). Para se ter como ideia, um levantamento realizado pelo Volt Data Lab indica que entre 2012 e 2017, 2.026 jornalistas brasileiros foram demitidos de empresas de mídia, enquanto nas empresas de mídia foram registradas 6.813 demissões no mesmo período. Estes dados são referentes apenas ao contingente de demitidos que é noticiado em portais e sites especializados em jornalismo ou comunicação. Ou seja, este número pode estar subestimado.

3. Condições de trabalho e qualidade jornalística

As condições de trabalho às quais o profissional da mídia está exposto não afetam apenas sua performance, mas também podem interferir de maneira indireta e até mesmo direta na qualidade da informação produzida pelos profissionais (LACY, ROSENSTIEL, 2015). Entre as estratégias utilizadas pelas organizações de mídia está o “desinvestimento na qualidade do produto jornalístico (através, por exemplo, de despedimentos)” (MARINHO, 2011, p. 173). Ao mesmo tempo em que os gastos diminuem, as vendas não apresentam crescimento. Condição que “a médio prazo tenderá a tornar-se insustentável, ao atingir-se um ponto em que já não é possível fazer mais cortes, mas não se consegue, nas condições do momento, aumentar a qualidade do produto e ganhar a confiança do público em tempo útil” (MARINHO, 2011, p. 171).

Para Miranda (s.d.) “este enquadramento laboral, econômico e social possui, obviamente, reflexo sobre o trabalho e práticas dos jornalistas”. O autor usa como base de sua argumentação o estudo de Liliana Pacheco e João Pacheco sobre jornalistas portugueses, no qual 28,3% dos entrevistados concordaram totalmente ou em parte com a ideia de sua situação laboral afetar o cumprimento dos preceitos éticos e deontológicos do jornalismo, a maioria dos entrevistados considerou que essa mesma situação possui efeitos sobre o desempenho do seu trabalho.

Nos Estados Unidos onde 62,6% dos entrevistados afirmaram que a força de trabalho diminuiu nos locais onde laboram, 59,7% acreditam que o jornalismo esteja seguindo o caminho errado (WILLNAT, WEAVER, 2014). Os jornalistas ingleses acreditam que sua profissão tem perdido credibilidade ao longo do tempo e 25% admitem já ter publicado informação sem checar por falta de tempo. Após a internet, cada profissional produz entre cinco e dez matérias por dia naquele país (THURMAN; CORNIA; KUNERT, 2016).

Picard (1998, 2000) ilustra essa relação ao propor indicadores para analisar a produtividade da indústria jornalística. O autor defende que conceitos não mensuráveis passam a ser quantificáveis quando esta é observada enquanto resultado de um processo de produção, no qual diferentes aspectos estratégicos e estruturais podem interferir no resultado final. “O produto é jornalismo, não papel impresso” (PICARD, 1998, p. 72, tradução nossa). O autor destaca o valor agregado atribuído aos produtos a partir do investimento do trabalho mental e da subjetividade dos jornalistas, como um importante fator de qualidade. Assim, ele determina que “reduzir a força de trabalho jornalística ou aumentar a carga de trabalho [dos jornalistas] reduz a qualidade do material criado” (PICARD, 1998, p. 72). Desta forma, o tempo despendido na coleta de informações, na preparação do conteúdo, na pesquisa e até mesmo no tempo livre para pensar a pauta podem se refletir na precisão, contexto e amplitude da pauta, por exemplo. “Bom uso do tempo aumenta a atividade e conseqüentemente a qualidade. Por outro lado, o mau uso diminuiu a atividade e a qualidade” (PICARD, 2000, p. 101, tradução nossa).

Picard (1998; 2000) defende que conceitos não mensuráveis passam a ser quantificáveis quando a qualidade é observada enquanto resultado do trabalho imaterial, ou seja, o valor agregado do produto é resultado do esforço mental e da subjetividade. O tempo despendido pelos trabalhadores em coleta de informações, preparação do conteúdo, pesquisa e até o tempo livre para pensar a pauta podem se refletir em precisão, contexto e amplitude (PICARD, 2000, p. 101).

Litman e Bridges (1986) apresentam o número de notícias produzidas e o tamanho da equipe dedicada à produção em tempo integral como indicadores para medir a qualidade da notícia televisiva. Bogart (2004) e Meyer e Kim (2003) apresentam o

número de conteúdos escritos pela equipe de jornalistas versus a quantidade de material de terceiros, como notas editadas e de agências de notícia. Já Coelho e Martín (2004) estabelecem dois grupos de indicadores - laboral e prática profissional - com valores como salário justo, tempo para férias e descanso, equipe em número suficiente, qualificação profissional, pluralidade de fontes, correção e autonomia profissional

De acordo com João Marinho (s.d.) “este enquadramento laboral, económico e social possui, obviamente, reflexo sobre o trabalho e práticas dos jornalistas”. Outros estudos apontam possíveis relações entre a redução de equipes e a satisfação ou desempenho do trabalhador. Nos Estados Unidos, 62,6% dos entrevistados afirmaram que a força de trabalho diminuiu nos locais onde laboram, 59,7% acreditam que o jornalismo esteja seguindo o caminho errado (WILLNAT, WEAVER, 2014). Os jornalistas ingleses acreditam que sua profissão tem perdido credibilidade ao longo do tempo e 25% admitem já ter publicado informação sem checar por falta de tempo. Após a internet, cada profissional produz entre cinco e dez matérias por dia naquele país (THURMAN, CORNIA, KUNERT, 2016). Enquanto isso, os alemães afirmam ter aumentado a pressão sobre o profissional. Estudos indicam que o trabalho do jornalista está ficando mais estressante porque um número menor de profissionais faz uma cobertura mais ampla para um maior número de meios (WEISCHEINBERG, MALIK, SCHOLL, 2012).

4. Construção de uma matriz de indicadores

A matriz de análise proposta neste artigo é resultado do cruzamento de três grupos de indicadores: precarização, qualidade do trabalho e qualidade da informação.

Diferentes trabalhos apontam para uma condição de precarização da atividade jornalística, mas delimitar indicadores de análise ainda são uma atividade bastante complexa.

O desafio de mapear os indicadores de precarização do trabalho jornalístico no Brasil é tão complexo quanto as diversas dimensões do fenômeno de fato indicam. Um primeiro problema é o de que a precarização afeta tanto contratos de trabalho protegidos pela legislação (inclusive o assalariado), quanto o trabalho informal, em suas múltiplas formas. [...] Outra dificuldade está em aferir e comparar as mudanças no trabalho jornalístico ao longo do tempo. [...] Uma terceira dificuldade está relacionada à articulação entre as dimensões individuais e coletivas do fenômeno. [...] Uma quarta dificuldade refere-se às variações nas percepções da precarização por parte dos trabalhadores. Aferir a escala do trabalho precário depende de um mínimo

de uniformidade nas representações dos agentes sociais sobre suas próprias condições de contratação. [...] Por fim, um enorme obstáculo à caracterização do trabalho precário vem da diversidade de atividades profissionais dos jornalistas brasileiros, nas várias áreas que compõem a categoria (na mídia, fora da mídia ou no ensino de jornalismo) e nos variados portes dos empregadores, nas condições territoriais tipicamente desiguais do Brasil. Assim, o que parece precário a um trabalhador do Sudeste pode ser visto como um privilégio para um do Norte; a multifuncionalidade de um jornalista do interior pode lhe ser razão de orgulho, em face da superespecialização de um assessor de imprensa da capital; a sobrejornada pode ser percebida como menos danosa pelo âncora do telejornal (também colunista do mesmo grupo de mídia no rádio, no jornal e na internet) que pelo iniciante no jornal secundário do mesmo conglomerado (MICK, 2013, p. 3).

Portanto, a proposição da matriz de indicadores para analisar a relação entre condições de trabalho e qualidade da informação jornalística partiu da compreensão sobre o que é precarização no jornalismo. A partir da revisão de literatura sobre precarização do trabalho e condições de trabalho dos jornalistas, foi desenvolvido um quadro de indicadores a partir do conceito de precarização social do trabalho (DRUCK, 2011).

Após analisar indicadores históricos de emprego e desenvolvimento humano no Brasil, Druck definiu a precarização social do trabalho como um fenômeno causado e que se reflete na vida profissional, social, cultural, educacional e política de cada indivíduo. Possui seis dimensões: 1) Vulnerabilidade das formas de inserção e desigualdades sociais; 2) Intensificação do trabalho e terceirização; 3) Insegurança e saúde no trabalho; 4) Perda das identidades individual e coletiva; 5) Fragilização da organização dos trabalhadores; 6) Condenação e o descarte do Direito do Trabalho: enfraquecimento do sistema de proteção jurídica do trabalhador, com modificações na legislação etc.

A partir dos indicadores de Druck pode-se perceber que o jornalismo apresenta vulnerabilidades em todas as dimensões descritas pela autora: 1) vínculos precários, informais e diferenças salariais e de piso entre regiões e profissionais do mesmo nível; 2) altas jornadas de trabalho e contratações temporárias por tempo determinado, contratação de freelancers, autônomos, PJs; 3) falta de estrutura para o trabalho, falta de proteção jurídica e salvaguarda da empresa, risco à vida em áreas de conflitos rurais e urbanos, adoecimento físico e mental; 4) redução da autonomia do profissional, individualização; 5) enfraquecimento dos sindicatos e outras tentativas de

regulamentação profissional; 6) desregulamentação da legislação específica e, mais recentemente, da própria Consolidação das Leis do trabalho.

Estes indicadores de precarização podem ser medidos a partir do nível de qualidade do trabalho (job quality) (EUROFOUND, 2012) -- quanto menor, pior são as condições de trabalho e mais precarizado é o profissional. Ele apresenta as características essenciais do emprego para atender as necessidades dos profissionais em desenvolver um bom trabalho. “Boas condições de trabalho podem ter um impacto indireto no desempenho do trabalho e na representação da produtividade, a partir dos seus efeitos no bem-estar dos trabalhadores” (EUROFOUND, 2012).

O índice de qualidade do trabalho é importante na construção desta matriz de indicadores, por ele apresentar categorias de análise que medem tanto a estrutura física do ambiente laboral, o nível de satisfação do trabalhador e também a qualidade da sua performance na função que desenvolve. Portanto, ele possui indicadores nas seguintes dimensões: ganhos, perspectivas, intrínseca qualidade do trabalho e qualidade do tempo de trabalho. Os dois primeiros trazem indicadores como remuneração, jornada, segurança no trabalho, progressão de carreira e contrato. A terceira trata de valores como qualificação, função, carga de trabalho, ausência de abuso, ambiente físico e social, intensidade do trabalho. Enquanto a última se refere à duração do trabalho, pressões, conflitos e valores emocionais.

Na matriz proposta, estes indicadores foram cruzados com os indicadores de precarização social do trabalho jornalístico. A partir da análise de quais grupos se relacionam, chegou-se a proposta de indicadores para analisar as condições de trabalho dos jornalistas (Tabela 1). O objetivo aqui é observar as reais condições de trabalho, a partir da compreensão sobre a estrutura, logística, acesso a fontes e logística para executar o trabalho; e a precarização percebida, pelo nível de satisfação e comprometimento com o trabalho a partir da percepção dos entrevistados.

Categorias de análise: condições de trabalho dos jornalistas
Dados demográficos (gênero, estado, tipo de mídia, idade etc)
Renda e vínculos
Tipo de vínculo
Tipo de contrato
Número de empregadores/contratantes no momento

Remuneração
Jornada
Perspectiva profissional
Ambiente de trabalho
Ergonomia
Stress e adoecimento
Segurança e rede de suporte
Prática profissional
Qualificação profissional
Funções e responsabilidade
Autonomia

Tabela 1. Indicadores para analisar condições do trabalho dos jornalistas (elaborado pelos autores)

Trabalha-se com a definição de qualidade da informação jornalística enquanto serviço público, o qual tem “[...] objetivo prestar um serviço dirigido a cidadãos (e já não consumidores), que precisam ter acesso a informação credível, os acontecimentos relevantes da vida pública (não personalizados), as — hardnews, para aperfeiçoarem e desenvolverem a sua capacidade para compreender e agir no e sobre o espaço público” (PATTERSON, 2000, apud MARINHO, 2011).

Anderson (2014, p. 22) apresenta um esquema de critérios que se baseia no valor interesse público: precisão, clareza, contexto, causalidade, comparação e abrangência. O autor argumenta se tratar de indicadores de qualidade “necessários para que o público receba informações suficientes e de alta qualidade para que ele seja empoderado em um sentido significativo”.

Assim, os critérios de qualidade da informação jornalística foram construídos tendo em vista sua aplicabilidade tanto na dimensão do processo (rotina e prática profissional) como no produto final. Eles foram listados de acordo com o objetivo da presente investigação e, excluiu-se todos os valores considerados intangíveis, como credibilidade e verdade, e aqueles específicos para o produto ou relacionados com questões político-ideológicas das organizações. O objetivo foi contemplar questões relacionadas às condições de trabalho dos jornalistas, suas escolhas editoriais e a relação entre os recursos e tempos disponíveis com o produto final. Definiu-se então

dois grupos: **Processo e produto** (Contexto, Diversidade, Precisão, Checagem, Seleção de fontes, Autoria, Redação, edição e correção) e **Prática profissional** (Carga de trabalho, Qualificação profissional, Normas éticas ou regulamentações da organização).

Os conjuntos de indicadores descritos acima (condições de trabalho e qualidade da informação jornalística) foram cruzados entre si, para que fosse possível compor uma matriz única de indicadores capaz de correlacionar essas duas dimensões. Foram mantidas na tabela final apenas as dimensões de cada grupo que considera-se possível fazer relações claras entre condições de trabalho e qualidade da informação. Definiu-se quatro grupos de indicadores (Tabela 2): **dados demográficos** (com informações gerais); **condições de trabalho** (para compreender as condições físicas do ambiente, situações de risco, jornada, rotina e o adoecimento em decorrência do trabalho); **prática profissional** (informações sobre trabalho executado e qualificação, responsabilidade, permanência na profissão); **processo e produto** (compreender as percepções e condições de trabalho dos jornalistas no processo de produção. Os dados desse grupo podem ser aplicados também na análise de conteúdo do produto.

Matriz de indicadores para análise condições do trabalho e qualidade da informação
Dados demográficos
Tipo de vínculo
Tipo de contrato
Número de empregadores/contratantes no momento
Remuneração
Formação
Idade
Gênero
Estado em que trabalha
Função oficial no contrato de trabalho
Tempo em que trabalha como jornalista (em anos)
Tempo empresa (em anos)
Negócio principal da empresa
Porte da empresa
Condições de trabalho
Ergonomia

Segurança e rede de suporte
Jornada
Rotina de trabalho
Stress e adoecimento
Prática profissional
Funções e responsabilidade
Qualificação
Perspectiva profissional
Processo e produto
Apuração
Seleção de fontes
Autoria
Redação, edição e correção
Percepção da qualidade

Tabela 2. Matriz de indicadores para analisar condições do trabalho dos jornalistas e suas influências na qualidade (elaborado pelos autores)

Considerações finais

A matriz de indicadores apresentada neste artigo é um esforço para se buscar critérios de análise capazes de correlacionar condições de trabalho e qualidade da informação jornalística. Os indicadores apresentados são resultado da análise de diferentes estudos nas áreas de precarização e qualidade do jornalismo, e buscam contemplar as esferas do processo e produção jornalística. Compreende-se que é necessário avançar nas delimitações e na compreensão de cada categoria e respectivo indicador apresentado, mas a matriz aqui sugerida serve como ponto de partida para se desenvolver o instrumento de trabalho e delimitar melhor o percurso metodológico a ser adotado na pesquisa em desenvolvimento (ou em outros estudos). O foco não é apenas compreender a percepção dos profissionais sobre suas condições de trabalho e a qualidade do que produzem, mas observar nuances de variação entre cada região brasileira. Trabalha-se com a hipótese de que as diferentes realidades sociais e econômicas do país oferecem percepções diferentes sobre os efeitos de precarização no trabalho e na vida do profissional.

REFERÊNCIAS

ACCARDO, Alain. **Journalistes au quotidien**: essais de socioanalyse des pratiques journalistiques. Bordeaux: Le Mascaret, 1995.

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalista**: do mito ao mercado. Florianópolis: Insular, 2017.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de Sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6 Editora, 2013.

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, abril - junho, p. 30 - 89, 2013.

ANDERSON, Peter J. Defining and measuring quality news journalism. In.: ANDERSON, Peter J.; OGOLA, George; WILLIAMS, Michael. **The future of quality news journalism**: a cross-continental analysis. New York: Routledge, 2014, p. 35-51.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015.

BOGART, Leo. Reflections on content quality in newspapers. **Newspaper Research Journal**, v.1, n.1, p. 40-53, 2004.

CERQUEIRA, Luiz Augusto Egypto. **Qualidade jornalística**: ensaio para uma matriz de indicadores. Unesco: Representação do Brasil, Brasília, 2010.

COELHO, José Manuel de Pablos; MARTÍN, Concha Mateos. Estrategias informativas para acceder a un periodismo de calidad, en prensa y TV: patologías y tabla de ‘medicación’ para recuperar la calidad en la prensa. **Ámbitos**, n. 111-12, p.341-365, 2004.

CLARK, Andrew E. What makes a good job? Job quality and job satisfaction. In.: **IZA World of Labor**, Institute for the Study of Labor (IZA), Bonn, 2015. DOI.: <http://dx.doi.org/10.15185/izawo>.

DRUCK, Graça. **Trabalho, precarização e resistências**: novos e velhos desafios? Caderno CRH. Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.

DUBET, François. **Injustiças**: a experiência das desigualdades no trabalho. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

EUROFOUND. **Working conditions and job quality**: Comparing sectors in Europe. Dublin, 2014.

_____. **Trends in job quality in Europe**. Luxemburg: Publications Office of the European Union, 2012.

FIGARO, Roseli, NONATO, Claudia, GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

GARCIA, José Luís (Org.). **Estudos sobre os jornalistas portugueses**. Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

HANUSCH, FOLKER; HANITZSCH, Thomas. Comparing journalistic cultures across nations. **Journalism Studies**, v. 18, n. 5, p. 525–535, 2017 DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2017.1280229>.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. Relatório de pesquisa nº 12/2003. EAESP/FGV/NPP: São Paulo, 2003.

LACY, Stephen; ROSENSTIEL, Tom. **Defining and Measuring Quality Journalism**. New Brunswick: Rutgers, 2015.

LITMAN, Barry R.; BRIDGES, Janet. An economic analysis of daily newspaper performance. **Newspaper Research Journal**, v. 7, n. 3, p. 9-26, 1986.

MARINHO, Sandra Cristina dos Santos Monteiro. **Formação em Jornalismo numa sociedade em mudança** - modelos, percepções e práticas na análise do caso português. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação Especialidade de Estudos de Jornalismo, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal, 2011.

MIRANDA, João. Dossiê. **A corrosão do trabalho**: precariedade, flexibilidade, reprodução de desigualdades. *Le Monde Diplomatique* - edição portuguesa, janeiro de 2017.

MELLADO, Claudia *et al.* Journalistic performance in Latin America: a comparative study of professional roles in news content. **Sage Journals**. v. 18 n. 19, 2017, p. 1087-1106. DOI: 10.1177/1464884916657509.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. 2.ed. São paulo: Boitempo, 2011b.

MEYER, Philip; KIM, Koang-Hyub. **Quantifying Newspaper Quality**: “I Know It When I See It”. In.: Atas do Newspaper Division, Association for Education in Journalism and Mass Communication, Kansas, 30 de julho de 2003.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MOREIRA, Sônia V. Country Report: Journalists in Brazil State University of Rio de Janeiro. In.: HANITZSCH, T.; HANUSCH, F. et al. **The Worlds of Journalism Study**, p. 1 - 4, 2017. Disponível em: www.worldsofjournalism.org

NEVEU, Erik. As notícias sem jornalistas uma ameaça real ou uma história de terror? [dossiê] **Brazilian Journalism Research**, [S.l.], v. 6, n. 1, 2010. (Não paginado)

ÖRNEBRING, Henrik. **Journalists thinking about precarity**: Making sense of the “new normal”. In.: Anais ISOJ, 2018, [s.p.]. Disponível em: <http://isoj.org/research/journalists-thinking-about-precarity-making-sense-of-the-new-normal/>

_____. **Newsworkers**: a comparative European perspective. New York: Bloomsbury Academic, 2016.

PICARD, Robert G. Measuring and interpreting productivity of journalists. **Newspaper Research Journal**, v. 19, n. 4, p. 71-84, 1998.

_____. Measuring quality by journalistic activity. In.: PICARD, Robert (Org.). **Measuring media content, quality, and diversity: approaches and issues in content research**. Turku: Kirjapaino Grafia Oy, p. 97-101, 2000.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalistas e suas visões sobre qualidade: teoria e pesquisa no contexto dos 'indicadores de desenvolvimento da mídia' da Unesco**. Unesco: Representação do Brasil, Brasília, 2010.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1981.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter: As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

STANDING, Guy. **O precariado: a nova classe perigosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

THIBES, André; NICOLETTI, Janara. **Evolução salarial dos jornalistas de 2005 a 2015: Indicativos de precarização do trabalho**. In: Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR. São Paulo: ECA/USP, 2017.

WEAVER, David H. WILLNAT, Lars. **The Global journalist in the 21st Century**. ROUTLEDGE: New York, 2012.

WEAVER, David H; WILLNAT, Lars. **The American Journalist in the digital Age: key findings**. School of Journalism, Indiana University: Indiana, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/LvHcQj>.

WEISCHEINBERG, Siegfried. MALIK, Maja. SCHOLL, Armin. Journalism in Germany in the 21st Century. In.: WEAVER, David H. WILLNAT, Lars. **The Global journalist in the 21st Century**. ROUTLEDGE: New York, 2012.

SOBRE OS AUTORES:

Janara Nicoletti: Mestre em Jornalismo e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Demanda Social (DS) e Doutorado-sanduiche no Exterior (PDSE), período abril-julho 2018. Email: janarant@gmail.com.

Jacques Mick: Doutor em Sociologia Política, professor dos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo e em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: jacques.mick@ufsc.br. Este artigo integra o projeto de pesquisa “flexMediaLives – Aferição e análise de riscos biográficos em mercados de trabalho flexíveis por meio de big data: o caso das carreiras de jornalistas na França e no Brasil”, financiado pelo CNPq.